



UMA ANÁLISE DO CONTO *MARABÁ* PERTENCENTE AO LIVRO *A MÁQUINA DE SER*: RESPALDOS DE IDENTIDADES NA ESCRITA DE JOÃO GILBERTO NOLL

AN ANALYSIS OF THE *MARABÁ* TALE BELONGING TO THE BOOK *A MÁQUINA DE SER*: IDENTITIES SUPPORTS IN THE WRITING OF
JOÃO GILBERTO NOLL

DOI: <https://doi.org/10.55847/enlaces.v1i1.805>

Carmelinda Carla Carvalho e Silva*

RESUMO: Este artigo consiste na análise de um dos contos que compõe o livro cujo título é *A máquina de ser*, de João Gilberto Noll, publicado em 2006, na perspectiva da identidade. Com a base teórica de estudiosos acerca dessa temática, há respaldo para uma discussão sobre a identidade dos indivíduos que Noll nos apresenta no conto *Marabá*, um dos vinte e quatro contos que formam o livro. Como forma de constituir, a identidade faz com que o indivíduo construa uma relação com o meio, o espaço, o tempo e os demais membros que os cercam, sedimentando uma identidade que ora está fixa e ora encontra-se em processo de modificação, já que o indivíduo possui diferentes identidades em diferentes momentos nessa narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Conto. Identidade. Narrativa.

ABSTRACT: This article consists of the analysis of one of the short stories that compose the book whose title is *The Machine of Being*, by João Gilberto Noll, published in 2006, in the perspective of identity. With the theoretical base of scholars on this subject, there is support for a discussion about the identity of individuals that Noll presents to us in the *Marabá* tale, one of the twenty-four stories that make up the book. As a form of constitution, identity causes the individual to build a relationship with the environment, space, time and other members that surround them, sedimenting an identity that is now fixed and now is in the process of modification, already that the individual has different identities at different times in this narrative.

KEYWORDS: Tale. Identity. Narrative.

* Mestra em Literatura, Memória e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: carmelinda.sig7@gmail.com. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0001-5349-5658>.

1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos um sujeito e seus comportamentos na sociedade, faz-se necessário uma mínima compreensão acerca do *eu* desse indivíduo. Em outras palavras, estamos falando da identidade que cada um de nós possuímos e que esta é a responsável por caracterizarmo-nos de acordo com nossas ações, sentimentos e até mesmo pensamentos.

O termo identidade aqui será utilizado para traçarmos um panorama de análise das personagens em *Marabá* (um dos 24 contos que compõem o livro *A Máquina de Ser* de João Gilberto Noll, publicado em 2006), no que diz respeito à compreensão de determinadas atitudes que a protagonista vivencia na narrativa.

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2000) trata do surgimento do feminismo como crítica teórica e movimento social, que trouxe toda uma forma nova de pensar as teorizações a respeito das identidades sexuais e de gênero. O autor esclarece que nas últimas décadas do século XX, as transformações na construção da identidade vêm se tornando mais frequentes, deixando o sujeito em dúvidas ao ter que optar por novos ou velhos padrões.

Em síntese, para Hall, identidade, sociedade e cultura não se separam, mas encontram-se fortemente ligadas através de um elo, que molda as estruturas das identidades de cada sujeito. E é a partir do transcurso dessas mudanças culturais que a fixidez de identidades é então ainda mais abalada. Conforme Hall (2000, p. 104), é com base nisso que ocorrem as construções de novas identidades no processo de pluralização de culturas.

2 UMA BREVE DEFINIÇÃO DE IDENTIDADE

Ao analisarmos o título do livro no qual consta o conto aqui em análise, *A Máquina de Ser*, percebemos que a máquina em questão é o próprio homem nos dias atuais. É justamente o meio e a forma como este se porta diante das necessidades diárias. É uma metáfora como se o indivíduo fosse uma máquina que desenvolve sempre as mesmas tarefas de forma programada e igual.

Assim, no conto *Marabá*, Noll mostra-nos uma narrativa de uma corriqueira vida de um casal que se encontra em crise no casamento e que, de acordo com a ambientalização do autor, vivem uma rotina na qual os dois estão descontentes. No fragmento abaixo, notamos que a relação já é desconfortante:

Mas, enfim, o que farei do dia de hoje? [...] eu imediatamente finjo ser outra. Ponho um lenço azul nos cabelos, abro o estojo; no espelho, retoco a sobrancelha. Não tenho ninguém para o qual me retocar. (NOLL, 2006, p. 90).

Para delinear as identidades no conto, partimos das reflexões de Stuart Hall (2000), que em seus estudos culturais, analisa a crise da pós-modernidade, tomando como centrais as mudanças estruturais que fragmentam/desconstroem as identidades culturais de classe, gênero, raça, etnia e nacionalidade. O processo de transformação se dá devido às mudanças que vem ocorrendo e nos levando a questionar como e em que a própria modernidade está sendo transformada.

Nesse sentido, Hall (2000) distingue três concepções de abordagem dessas identidades no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, que trabalha de forma profunda a crise de identidade nos sujeitos. Nessa obra, o autor indica uma mudança vagarosa das identidades dos sujeitos, confrontado a sociedade moderna com o avanço das sociedades tardias.

A individualidade do sujeito vai sendo construída de acordo com a evolução de sua consciência. Aos poucos, essa identidade se firma no indivíduo e torna-se

uma característica que o particulariza. Hall (2000) nos fala sobre isso, mostrando também que o tempo se encarrega de solidificar tais identidades e que

Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2000, p. 10).

Dias (2005), na resenha intitulada *Modernidade e Identidade*, apresenta um posicionamento no qual a identidade está relacionada diretamente com o meio social onde o indivíduo se encontra. Aduz que o *eu* vai fixando sua identidade conforme as influências que encontra e que isso é mais forte quando tal indivíduo se identifica como o responsável pelo que se torna:

A discussão tem início com o reconhecimento de que, em uma sociedade tradicional, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco, pela localidade. A modernidade, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, ao romper com as práticas e preceitos preestabelecidos, enfatiza o cultivo das potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo uma identidade "móvel", mutável. É, nesse sentido, que, na modernidade, o "eu" torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo, pois aonde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância. (DIAS, 2005, p. 93).

Ao classificar as identidades pertencentes ao indivíduo, Hall indica a primeira concepção discutida em sua obra, a de *Sujeito do Iluminismo*, que está baseada em uma concepção de um ser humano inteiramente centralizado, com o interior sólido e possuidor de razões, onde o interior é o seu núcleo que aflora no nascimento e continua o mesmo por toda sua existência, tornando a

personalidade do *eu* sua identidade fixa, essa que “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas também de uma falta de inteireza” (HALL, 2000, p.10).

Dessa forma, o sujeito permanecia o mesmo ao longo da vida, sem alterações na construção do seu interior. Para ele

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de urna pessoa. (HALL, 2000, p. 12).

Na segunda categoria, Hall (2000) evidencia o *Sujeito Sociológico*, que reflete a variedade do mundo moderno e a consciência de que ele não é independente e detentor de todos os conhecimentos sobre o meio externo, mas formado pela interação com o mundo social, que se refere aos sujeitos que agregam intimidade nos ciclos de vida e que representam relevância para aquele indivíduo.

Nessa concepção, a identidade é formada pela convivência do seu *eu* com a coletividade, perfazendo dessa forma as lacunas existentes entre o mundo interior que possui e os espaços vazios que não considera como sendo importantes. Assim, essa relação entre o *eu* e a sociedade é comparada a uma sutura, na qual o sujeito é aproximado à estrutura que o mundo social lhe proporciona. Conforme Hall (2000, p. 13),

O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando- os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2000, p. 13).

Por fim, o *Sujeito Pós Moderno* definido como um sujeito que passa por uma transformação contínua, devido às formas como são representadas as identidades nos sistemas culturais, na qual o sujeito possui identidades diferentes em distintos momentos. Para esclarecer acerca disso, Hall (2000, p. 107) afirma que

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. (HALL, 2000, p. 107, grifos do autor).

Tais processos ocorrem, portanto, por conta das mudanças que se irradiam na elaboração da identidade do sujeito, que antes buscava sua identidade nas tradições culturais na era moderna, o que deixa de acontecer na pós-modernidade, trazendo com isso os conflitos pertinentes a um período diferente daquele em que o sujeito buscava a identidade no meio social.

3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM MARABÁ

Os contos no contexto literário de Noll, em *A Máquina de Ser*, trazem personagens sem nome e no conto em análise, *Marabá*, não é diferente. Esse, particularmente, mostra-nos uma mulher que em crise no casamento, cria uma rotina de todos os dias sair de casa e ficar vagando nas ruas enquanto o marido procura por emprego.

Logo no início da narrativa, encontramos uma mulher que, embora tenha essa ânsia por liberdade, que será visto mais adiante, é mostrada como sendo submissa ao marido e que desempenha todas as *funções* domésticas, mas que

sente necessidade de viver sua própria vida. A partir disso, podemos apontar como sendo a identidade *iluminista*, conforme mencionado anteriormente, na qual o *eu* está centrado desde o seu nascimento e permanece o mesmo ao longo da vida, ou seja, apresenta uma particularidade que não sofre alterações em decorrências do que vivencia atualmente. Podemos associar essa ânsia como indícios de um descentramento de identidade que mais adiante a classificamos como identidade múltipla.

Nos trechos iniciais, notamos que ela pratica esses atos baseando-se nas lembranças que possui de sua infância ao relatar que age da mesma forma como a mãe fazia com o pai:

Para mim, como mulher é menos oneroso: fui acostumada a ficar em casa ouvindo mistérios gozosos, sentada na poltrona, observando meu pai tirar as meias na sala toda noite [...] minha mãe o acordava para poder levá-lo pela mão a cama. (NOLL, 2006, p. 89).

A protagonista, que embora não tenha um nome, se sente como uma mulher dominada pelo cônjuge, que além de tratá-lo com todos os *caprichos*, coloca-se na condição de ser pertencente a ele. No meio da narrativa, ela menciona como o trata, novamente tomando como referência a forma como seu pai fora tratado por sua mãe. Ela serve como sendo a responsável por satisfazer os caprichos e até mesmo lavar os pés cansados dele:

Quando ele tirava os sapatos e as meias sentado na poltrona predileta, eu lembrava do meu pai mas não lhe dizia nada – apenas mirava os seus pés brancos, mais claros do que os do meu pai; trazia da cozinha uma bacia d'água morna para seu alívio. Depois de uns vinte minutos vinha com a toalha de feltro bege, secava dedo a dedo, a sola do pé, observava de muito perto cada veia, a bem dizer os relevos do seu corpo. (NOLL, 2006, p. 91).

Após esse trecho, percebemos como a identidade da personagem está fragmentada, uma vez que se dedica ao máximo ao esposo e a satisfazer seus desejos, não se percebendo naquele relacionamento como uma pessoa feliz e realizada. Isso é possível de ser notado quando os dois se encontram em um café e ela faz uma reflexão sobre seus anseios.

Nesse momento, é perceptível que a identidade passa por um processo de transformação que Hall (2000) nomeia de *identidade sociológica*, na qual o sujeito começa a ser influenciado pelo meio e há uma relação estabelecida entre esse *eu* e a sociedade:

Sabe?, eu mesma não fui embora do café, quis ficar fabricando umas esquisitices no papel, alguma coisa entre o desenho e a fábula sobre o balcão, de é mesmo. Adivinhava, eu já não fazia parte de um casal, estava avulsa daquele homem que nos chamava de parceiro. (NOLL, 2006. p. 91).

A identidade vai ainda mais se alterando conforme Hall (2000), chegando a fase pós-moderna, quando pelas vozes da protagonista, essa já fala do companheiro de forma desinteressada e sem entusiasmo, mas também percebemos que seu companheiro não sente o mesmo de antes por ela. Os dois, pelos traços da narrativa, estão descontentes:

No que...? Ah, pobre dele, feito eu matando tempo, fazendo hora, espichando as caminhadas para poder chegar em casa só a tardinha, como se encenando um dia altamente laborioso ou mais: extenuante. (NOLL, 2006, p. 91).

Nas passagens seguintes, a protagonista resolve sair para procurar emprego e no meio do caos da cidade, permite-se parar e observar o mundo a sua volta. Nesse momento, podemos associar, como dissemos anteriormente, que o título do livro *A máquina de ser* se refere, de fato, com a correria do dia a dia,

do aceleramento das atividades, do pouco tempo para si, de não conseguir interagir de forma mais delongada com o meio em que se vive:

Queixava-me diante dos sinais fechados para os pedestres, corria driblando os carros, suave, até parar de um golpe e olhar enfim desencanada par o ar. Sentei num banco de praça, pensei que eu podia, antes de possuir um emprego, vir ler aqui diariamente. (NOLL, 2006, p. 92).

A partir desse momento, ocorre o ápice da narrativa no conto. A protagonista, durante o percurso de volta para casa, se depara frente a um hotel, cujo nome é justamente o título do conto em análise *Marabá*, o qual está situado bem no centro da cidade. Nesse momento, ela fala que “sempre quis entrar ali, desde criança” (NOLL, 2006, p. 92). Olhando em volta daquele lugar, ela avista do outro lado da rua um cartaz de anúncio do filme *Feminices*¹ de Domingos de Oliveira, que, ao analisarmos, trata-se de um documentário real onde explora o feminismo e faz uma breve conexão de como as mulheres podem e são independentes.

A protagonista, por sua vez, resolve entrar para assisti-lo. Quando adentra, escolhe dentre muitos assentos vagos, um que fica ao lado de um belo homem que chama sua atenção. Aqui, notamos como a identidade, que segundo Hall (2000) é inconstante, se mostra. Ela age contrariamente à aquela mulher dominada, submissa e que só tem olhos para seu esposo. Nesse momento, a categoria de identidade pós-moderna é evidente, pois ela age conforme seus desejos e o meio em que está a estimula:

Entrei no cinema, a sessão começando. Não enxergava nada, salvo a tela. Apalpei a primeira cadeira que se assemelhou a tal objeto a

¹ Documentário lançado em 2004 onde retrata confissões de três amigas que após anos separadas reúnem-se e descobrem que todas estavam infelizes nos seus respectivos relacionamentos até que tomam a iniciativa de reconstruírem suas histórias em busca de liberdade.

minha trevosa vista. Não era um assento. Tateando febrilmente encostos de cadeiras mais à frente, falei não, desculpe, quis dizer e disse mesmo ao passar a mão por uma perna claramente masculina por baixo de um veludo. No mundo não haveria outra igual. (NOLL, 2006, p. 93).

A personagem nos mostra objetivamente como sua identidade foi sofrendo alterações até chegar na classificação de identidade pós-moderna, na qual o descentramento do sujeito é marca objetiva na contemporaneidade. Giddnes, em *Modernidade e identidade* (2003), não nos deixa esquecer que tanto a modernidade pode aproximar as identidades, como também pode afastá-las já que, dependendo da atmosfera do meio e modo como vivem, o indivíduo reage de formas diferentes nesse processo de construção.

De fato, divisões de classe e outras linhas fundamentais de desigualdades, como as que dizem respeito a gênero ou etnicidade, podem ser em parte definidas em termos do acesso diferencial a formas de auto-realização e de acesso ao poder. A modernidade, não se deve esquecer, produz diferença, exclusão e marginalização. Afastando a possibilidade de emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão, e não de realização do eu. (GIDDENS, 2003, p. 13).

Ao final do conto em análise, a personagem exacerba os desejos ocultos que possuía e se permite, nesse momento, explorar-se. A transgressão de identidade se configura em uma marca tão forte que parece tratar-se de outra pessoa, conforme delinea o autor no trecho:

Aqueles músculos da coxa pareciam muito mais a ideia da excelência dos corpos, do que meramente uma perna qualquer. Não tive dúvida, perguntei se a cadeira ao lado estava ocupada. Ele tinha uma voz abaritonada, respondeu que não; passei por ele, que gentilmente, já se botava de pé para alargar a minha passagem -, agradei. Agradei e sentei. (NOLL 2006, p. 93).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os personagens de Noll estão lançados ao acaso, retratam bem os sujeitos, bem como o da contemporaneidade. Vale ainda ressaltar que para Hall (2000, p. 13) o sujeito pós-moderno é definido como aquele que assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de *eu* e que esse mesmo *eu* seja coerente.

Nesse sentido, os sujeitos representados por Noll no conto *Marabá* revelam identidades submersas em um abismo descentrado do mundo contemporâneo. João Gilberto Noll trabalha justamente com essa pluralidade dos sujeitos na atualidade e, de certa forma, seres provenientes de relações fragmentárias que estão sempre perambulando geograficamente, seres desterrados. Assim, ele trata a questão de identidade profundamente de forma substancial.

Por fim, concluímos que em um mundo cada vez mais globalizado, nenhum indivíduo é detentor de si em absoluto. O meio externo, as pessoas com as quais se convive, o modo de ver os fatos, e no caso do enredo do nosso objeto aqui analisado, a frustração e descontentamento influenciam diretamente na fragmentação da personagem, compondo-a como possuidora de uma identidade fragmentada e que, por vezes, a deixa em conflitos íntimos.

REFERÊNCIAS

DIAS, Rafaela Cyrino Peralva. Resenha: modernidade e identidade. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, pág. 87-88, dezembro de 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 dez. 2020.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2000.

NOLL, João Gilberto. **A máquina de ser**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Recebido em: 14/12/2020

Aprovado em: 16/12/2020